REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PRÁTICA DE ENSINAR E APRENDER ARQUITETURA E URBANISMO NA SALA DE AULA

Critical Reflection on the Practice of Teaching and Learning Architecture and Urbanism in the Classroom

CARNEIRO ROSA, Adriana Aparecida
Centro Universitário de Jaguariúna - UNIFAJ

Resumo: Embora a experiência ensine que na sala de aula sempre há novos desafios, a nova realidade do ensino no mundo contemporâneo expõe evoluções cada vez mais dinâmicas e preponderantes. O surgimento de diferentes metodologias tem mostrado resultados muito interessantes de forma que as competências e habilidades dos educandos sejam compatíveis com as demandas da sociedade, a qual está cada vez mais exigente de forma a se envolver com a produção de espaços mais selecionados pelo público que busca a profissão de arquiteto e urbanista. A reflexão crítica sobre a prática de ensinar e aprender arquitetura e urbanismo na sala de aula se dá através do alinhar e do discutir alguns saberes fundamentais a prática educativa, bem como àquela educativo-crítica da qual toda estruturação deve trazer conteúdos obrigatórios, sobretudo conteúdos cuja compreensão se faz da produção do saber, de criar possibilidades de que ensinar e apender estão diretamente ligadas a sua construção e produção. Todo o público estudantil requer algo tecnológico, onde a tecnologia impõe a revisão de etapas da educação, contudo isso não muda o caráter do papel do arquiteto e urbanista. O que é uma boa arquitetura e um bom urbanismo? As respostas estão em muitos lugares, em diferentes culturas, em variadas épocas, contudo a promoção de boas práticas no ensino de arquitetura e urbanismo ajuda a criatividade dos discentes a se desenvolver, e essa é a principal razão do ensino-aprendizagem, trazer para junto de si os saberes trabalhados de forma gradativa. O levantamento de respostas a muitos questionamentos se deu em forma de relatos e questionários respondidos pelos alunos e ex-alunos do curso de arquitetura e urbanismo da UniFAJ, no qual contribuiu para uma reflexão crítica do ato de ensinar e aprender arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: Educação, Arquitetura e Urbanismo, Ensino.

Abstract: Although experience teaches that there are always new challenges in the classroom, the new reality of teaching in the contemporary world exposes ever more dynamic and prevailing evolutions. The emergence of different methodologies has shown very interesting results so that the skills and abilities of the students are compatible with the demands of society, which is increasingly demanding in order to get involved with the production of spaces more selected by the seeking public the profession of architect and urbanistic. The critical reflection on the practice of teaching and learning architecture and urbanism in the classroom is through aligning and discussing some fundamental knowledge of educational practice, as well as the educational-critical one in which all structuring must bring mandatory content, especially content whose understanding is made of the production of knowledge, of creating possibilities

that teaching and learning are directly linked to its construction and production. All the student public requires something technological, where technology imposes the review of stages of education, yet this does not change the character of the role of the architect and urbanist. What is good architecture and good urban planning? The answers are in many places, in different cultures, at different times, but the promotion of good practices in the teaching of architecture and urbanism helps the creativity of the students to develop, and this is the main reason teaching-learning, bringing together of themselves the knowledge worked in a gradual way. The survey of answers to many questions came in the form of reports and questionnaires answered by the students and alumni of the course of architecture and urbanism of the UniFAJ, in which he contributed to a critical reflection of the act of teaching and learning architecture and urbanism.
.
Keywords: Education, Architecture and Urban, Teaching.

INTRODUÇÃO

Uma história, conduzida segundo alguns critérios modernos e contemporâneos traz à sala de aula inúmeras interpretações sobre arquitetura e urbanismo desde as primeiras concepções gregas e romanas, do tratado de Vitrúvio, bem como as mais variadas mostras de arquitetura e urbanismo espalhadas pelo mundo.

Segundo Zevi (2009), a maior dificuldade que se encontra ao compilar uma história da crítica arquitetônica, na maioria dos fatos, consiste em uma grande parte das mais geniais instituições sobre arquitetura estar espalhadas em livros de filosofia, estética geral, poemas, romances, contos e páginas de arquitetos. São poucos os autênticos críticos de arquitetura que, baseiam-se geralmente nos problemas de composição, “expressão de uma ideia impessoal e universal”, “expressão individual”, entre o formal e o pitoresco (ZEVI, 2009).

A prática de ensinar e aprender arquitetura e urbanismo na sala de aula vai de encontro com as inúmeras interpretações sobre a arte e a estética, na secular batalha entre o grego e o gótico, entre o gosto clássico e o românico, o moderno e o contemporâneo, sobretudo entre o estático e o móvel.

A nova realidade impõe grandes desafios, tampouco ao exercício e ao ensino de arquitetura e urbanismo. Entender as inovações das demandas de mercado, bem como, da sociedade de forma geral, faz com que tanto os docentes quanto os discentes, busquem se envolverem com a produção de espaços mais equilibrados ambientalmente e economicamente viáveis. Para isso o ato de ensinar deve transbordar o gosto pela arquitetura e pelo urbanismo de

maneira a buscar o equilíbrio entre a teoria e a prática, rumo este que tem sido constante nas discussões de ensino e formação.

É importante ressaltar que a profissão do arquiteto e urbanista vai além do planejamento, sobretudo é complexo pensar que tem a incumbência de conformar os espaços para a melhor qualidade de vida das pessoas. Essa profissão envolve diversas áreas do conhecimento e em sala de aula, torna-se importante trabalhar a capacidade de observação, desde as disciplinas de embasamento do curso, assim como a imaginação e criação, quando não a invenção de soluções para problemas arquitetônicos e urbanísticos, os quais buscam representar a construção de edifícios, sobretudo da paisagem da cidade.

Antes de ensinar, o docente precisa estar em constante formação. Segundo Freire (1996), o importante é alinhar e discutir alguns saberes à prática educativo-crítica, os quais devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação do docente. É preciso, sobretudo, desde o princípio que o docente tenha ciência e assuma sua postura também como sujeito na produção do saber, se convença definitivamente que existem critérios importantes e preponderantes. Ensinar não é *transferir conhecimentos*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996).

O Art. 6º (Lei nº 13.415/2017) diz que o art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 61. IV- profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36;

V - Profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação”.

O aprimoramento profissional do professor está diretamente ligado às práticas de ensino e aprendizagem. O arquiteto e urbanista em sala de aula, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB – Lei nº 9.394/1996, alterada pela Lei nº 13.415/2017), estabeleceu regras para o funcionamento de cursos de arquitetura e urbanismo em todo o território

nacional, para todas as Instituições de Ensino, públicas e privadas, conforme incisos IV e V do art. 61, supracitado.

Para tanto, cabe ao Professor/arquiteto e urbanista criar possibilidades para que o aluno tenha capacidades de expressar sua compreensão espacial, estabelecer princípios para conhecer diversos problemas que envolva seu projeto e ao mesmo tempo classifique uma hierarquia para a solução desses problemas.

Dessa forma pergunta-se aos alunos e alumni do curso de arquitetura e urbanismo, do Centro Universitário de Jaguariúna: “Por que você escolheu cursar arquitetura e urbanismo? ” Além desse questionamento, outras perguntas formam feitas de modo a instigá-los na identificação com o curso, suas diferentes áreas e o que se espera de contribuição como profissional do século XXI. São muitas as respostas e deduções, entretanto torna-se fundamental mostrar ao aluno que o curso de graduação já cria uma base para que seu egresso possa atuar em todas as áreas da arquitetura e do urbanismo.

De maneira concomitante, no curso ocorrem as pesquisas de iniciação científica, bem como os projetos de extensão, onde os alunos podem levar conhecimentos vitalícios que corroboram para sua formação. Contudo, a especialização é desejada para a capacitação profissional.

A HISTÓRIA DO ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO

A criação do ensino de Arquitetura no Brasil, teve como pioneiro o Curso de Arquitetura da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde tal curso fora o único do Brasil por mais de cem anos, conforme a figura 1. Segundo Salvatori (2008), em 1826, foi estabelecido o referido curso de arquitetura o qual era uma instituição pública que recebia estudantes de origem modesta desde sua criação. Iniciou-se o ensino oficial de artes e ofícios industriais, principalmente depois da acolhida da chamada "Missão Francesa", em 1816 (SALVATORI, 2008).

Figura 16: História e contexto – Ensino de AU no Brasil



Fonte: Seminário Internacional do CAU/SP (2019).

Foram criadas a figura do professor catedrático e uma estrutura de ensino que se manteve por um tempo, sendo os primeiros professores contratados provenientes da França e mundialmente conhecidos por suas obras.

Com o passar do tempo, em São Paulo, na década de 1920, surgiu um movimento pela criação de uma cadeira de urbanismo, inserida no curso de arquitetura, e na década seguinte o ilustre arquiteto Lúcio Costa diligenciou emplacar uma reforma curricular na Escola de Belas Artes, com a intenção de incluir as disciplinas de Urbanismo e Arquitetura Paisagística, contudo não obteve sucesso. Ainda em 1922, conforme mostra a figura 2, surge o Semana de Arte Moderna em São Paulo que muito contribuiu para o ensino de arquitetura. E em 1928, nasce o Curso de Arquitetura da Academia de Belas Artes, em São Paulo, e dois anos depois, em 1930 são implantadas a Escola de Belas Artes e a Escola de Arquitetura, em Minas Gerais.

Figura 2: AU no Brasil



Fonte: Seminário Internacional do CAU/SP (2019).

Somente em 1933, o Decreto 23.569 regulamenta a profissão de Engenheiro, Arquiteto e Agrônomo. No final da década de 50 e início de 60, ocorrem diversos Encontros nacionais de arquitetura e urbanismo, onde em 1962, em São Paulo, é aprovado o Currículo Mínimo para cursos de arquitetura e urbanismo – AU pelo Conselho Federal de Educação. Segundo Seminário Internacional do CAU/SP[4] (2019), somente em 1962 o Curso Tronco inicia na Universidade de Brasília – UnB, de acordo com a figura 3.

Figura 3: Início do Curso tronco



[4] Seminário Internacional Qualidade de Ensino e Mobilidade Profissional – Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo – CAU/SP, 27, 28 e 29 de maio de 2019. Auditório da Belas Artes, Campus 3, São Paulo – SP.

Fonte: Seminário Internacional do CAU/SP (2019).

De acordo com Del Rio (1990), a década de 60 via surgir as primeiras críticas e protestos generalizados sobre a qualidade do ambiente urbano que vinha sendo produzido, pela própria população afetada com a falta de qualidade dos espaços urbanos. Com isso, novas disciplinas e campos de conhecimento viriam a ser abertos, contribuindo pelo surgimento de novas profissões. Foi a partir destas atitudes críticas, dos novos valores surgidos e da necessidade de novas categorias de análise e de novos instrumentos para o controle do desenvolvimento urbano, que segundo Del Rio (1990), o Desenho Urbano se consolidaria enquanto campo de conhecimento e, para muitos, profissão específica.

A relevância do urbanismo só começou a ser efetivamente reconhecida quando a Reforma do Ensino Superior, aprovada pelo Conselho Federal de Educação, em 1962, unificou os cursos de arquitetura e urbanismo, dando origem ao modelo que vigora até os dias de hoje.

Com o intuito de melhorar a qualidade do ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil, em 1973 nasce a Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura (ABEA) e a partir de 1985, passou a ser Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA). A saber, o incentivo à abertura de novos cursos, notadamente no ensino privado, induzido pela política expansionista adotada pelo Governo Federal através do Ministério da Educação – MEC a partir dos anos 1990, conforme aponta a figura 4, teve como consequência o crescimento no número de cursos de arquitetura e urbanismo em todo o país, de acordo com Monteiro (2013).

Figura 4: Crescimento dos cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil e as DCNs



Fonte: Seminário Internacional do CAU/SP (2019).

A história da profissão no Brasil está relacionada tanto com a evolução do pensamento arquitetônico e à mudança da visão filosófica do mundo, como com o crescimento das populações urbanas, o surgimento de novas classes sociais e à progressiva globalização da economia, de acordo com Salvatori (2008).

Para Monteiro (2013), mudanças na prática profissional produzem impacto na prática acadêmica da mesma maneira que mudanças na prática acadêmica geram impacto na prática profissional. A mesma autora ainda ressalta, por isso o novo cenário mundial e nacional não pode passar em branco na área de ensino de arquitetura e urbanismo.

MÉTODOS ATRAVÉS DE QUESTIONÁRIOS

A análise da pesquisa ocorre através de duas formas: questionários impressos, respondidos por alunos do primeiro semestre do curso e questionários via *Google Forms*, respondido por alunos veteranos e alumnis. O motivo da pesquisa impressa para os alunos ingressantes é para acompanhar mais de perto o entendimento de cada um a respeito do que se trata o curso de arquitetura e urbanismo, uma vez que no questionário teve uma pequena diferença entre as perguntas, questionando o significado de arquitetura e urbanismo para estes alunos, enquanto que para os veteranos e egressos foi questionado a área de afinidade do curso. Essa intenção ocorreu como forma de

não causar desconforto de seus participantes, por se tratar de alunos ingressantes, os quais têm ainda pouco repertório.

O questionário feito pelo *Google Forms* contém seis perguntas sobre o por quê da escolha do curso, a área que mais se identifica (este questionamento não consta aos ingressantes), o perfil do Arquiteto e Urbanista do século XXI, o significado de CAU, o trinômio vitruviano, bem como a contribuição que se espera, depois de formado, para com a sociedade.

O questionário foi enviado aos veteranos e egressos via *e-mail* e ainda reforçado através de *WhatsApp*, contendo o *link* para acesso. A participação se deu com aproximadamente 50% dos convites enviados. A pesquisa busca conhecer o perfil dos alunos e alumnis do curso de arquitetura e urbanismo da UniFAJ.

O que os alunos esperam do curso de arquitetura e urbanismo

Num percentual de 70% os alunos procuram arquitetura e urbanismo pelo gosto do desenho, da arte, da criatividade e da estética, enquanto que 40% entende que há importância de sua colaboração com a sociedade. E ainda constata-se que a grande maioria está mais voltada à área de arquitetura, salvas algumas exceções para o urbanismo.

Busca-se habilidades necessárias para conceber diferentes projetos e as práticas projetuais, o domínio de técnicas e metodologias de pesquisa, os conhecimentos especializados para o emprego adequado e econômico dos materiais de construção e das técnicas e sistemas construtivos, no que se converte a qualidade de vida dos habitantes, cuja proposta está em primeiro lugar do ponto de vista de condutas e atitudes onde está atendido por meio do conjunto de disciplinas que conforma a grade curricular, bem como pelas atividades extraclasse propostas pelo curso, como visitas técnicas, viagens de estudo, palestras, seminários e projetos de extensão.

Ensino e Profissão

Segundo Maragno (2012), existe uma duplicidade na definição da formação do arquiteto e urbanista pelo olhar do profissional liberal e na visão do

Professor e pesquisador. Contudo na manutenção antagônica de dois mundos afeitos a prática, o acadêmico e o profissional, a resposta ainda parece estar no velho Vitrúvius quando trata da educação do arquiteto:

> *Prática é o exercício contínuo e regular de atividades em que trabalhos concretos são feitos com quaisquer materiais necessários e de acordo com os projetos devidamente representados. Teoria, por outro lado, é a habilidade de demonstrar e explicar aquela hábil produção feita segundo os princípios das proporções. Segue-se, portanto, que aqueles arquitetos que se esforçaram em adquirir habilidades práticas ou manuais sem uma adequada preparação teórica nunca se tornaram capazes de atingir posições de autoridade correspondente a seus esforços, enquanto aqueles que se apoiaram apenas em teorias e na erudição estiveram obviamente caçando sombras sem atinar com a substância de seu ofício. Mas aqueles que conseguiram um completo domínio da teoria e da prática, como homens guarnecidos por todos os lados rapidamente atingiram seus objetivos e detiveram consigo a autoridade de seu ofício*. (VITRUVIUS, 1960).

Mas, para Segawa (1999), o debate pós-moderno não foi capaz de explicar, por si só, os rumos que a arquitetura brasileira tomou desde então. Nos dias atuais, o mercado traz um novo olhar e uma necessidade de qualificação profissional, sobretudo fatos como a interiorização da economia e das escolas de arquitetura já trouxeram maior diversidade ao campo e à emergência de regionalismos. Um exemplo disso são as arquiteturas desvinculadas dos modelos anteriores, conforme reforça Segawa (1999). O mesmo autor observa que, nos grandes centros, abrandou-se a busca de uma identidade nacional para a arquitetura.

Muito condiz com a forma de se pensar a arquitetura mais visível atendia a padrões de eficiência tecnológica e imagem empresarial, muitas vezes definidos em âmbito internacional. Quando a exigência dos grupos multinacionais que se instalavam no país trouxera consigo um outro padrão de qualidade. O panorama dos anos 80 se completava com o trabalho de alguns arquitetos ainda das primeiras gerações modernas, gerações estas que faziam da teoria à prática e do plano à ação, que continuavam ativos e fiéis à suas origens.

Pesquisa de Iniciação Científica e Projetos de Extensão

Durante o curso de arquitetura e urbanismo, além das aulas teóricas e práticas, os alunos interessados que desejam se aprofundar mais em pesquisa podem participar de Pesquisa de Iniciação Científica – PIC, assim como aqueles interessados em buscar e conhecer novas experiências têm também a opção dos Projetos de Extensão, os quais caracterizam-se por Aulas Magnas, Ciclos de Estudos, Visitas Técnicas, Viagens Didática, Palestras, enfim, são opções que os alunos têm de se aprofundar seu conhecimento e buscar novos horizontes.

Todo ano a UniFAJ participa com seus alunos de PIC do Congresso Nacional de Iniciação Científica – CONIC. E uma experiência sensacional é poder expressar o sentimento de pertencimento de alunos participantes desse evento de forma ímpar, onde os mesmos podem levar prêmios vitalícios, conforme relato da alumni Karen Leal do Nascimento, participante do CONIC em 2018:

> *"'Rio Mogi Guaçu: Uma Cartilha para o Futuro' é o título do meu projeto e foi maravilhoso poder abrir as minhas ideias e estudos em um Congresso tão sério como o CONIC, que nos proporciona sair com uma bagagem tão grande. Nele eu apresentei um pedacinho da minha cidade sintetizando seu contexto histórico e o processo de desenvolvimento urbano, a fim de conscientizar a população a agir a favor do recurso importante que ela possui, o Rio Mogi Guaçu. Em contrapartida, conheci pesquisas que exploram outras várias áreas de estudo apresentadas por pessoas de diferentes lugares do Brasil. O slogan do evento dizia 'Pesquisa muda o mundo' e nós pesquisadores nunca saímos do mesmo modo em que entramos. É uma troca enriquecedora entre estudantes, pesquisadores e professores, onde no final todos saem ganhando prêmios vitalícios: experiência e conhecimento. "*

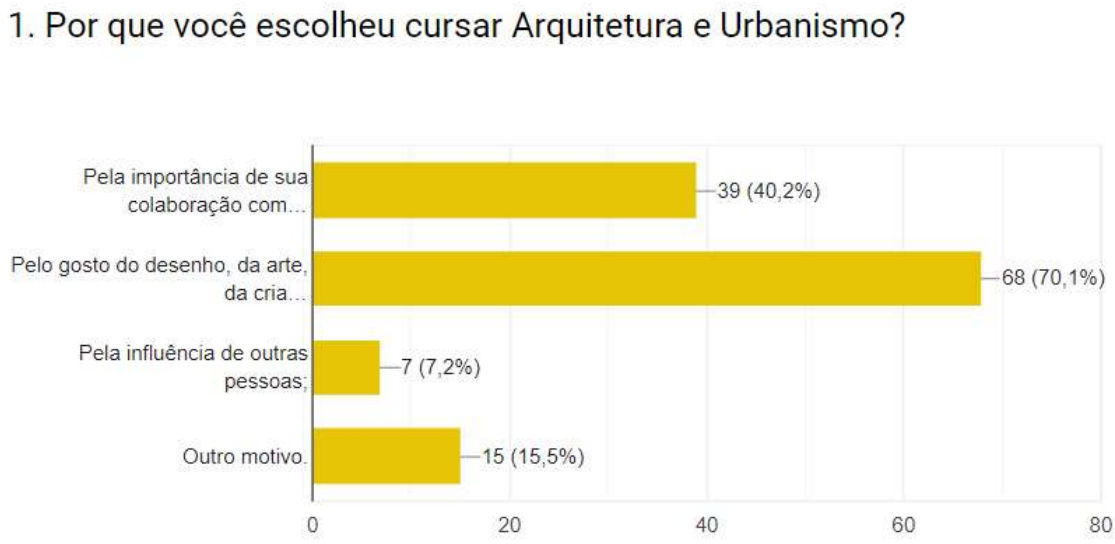
É sempre muito bom ter relatos como este, onde percebe-se que houve aproveitamento escolar, sobretudo algo que enriqueça cada vez mais o repertório dos alunos participantes. Para tanto, o curso de arquitetura e urbanismo traz reflexões críticas do modo de ensinar e aprender não só em sala de aula como ainda em ambientes vastos, onde através da pesquisa e projetos de extensão há quem vai além, em busca pelo saber.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir são apresentados os resultados e a análise dos questionários online respondidos pelos alunos e alumnis do curso de arquitetura e urbanismo da UniFAJ.

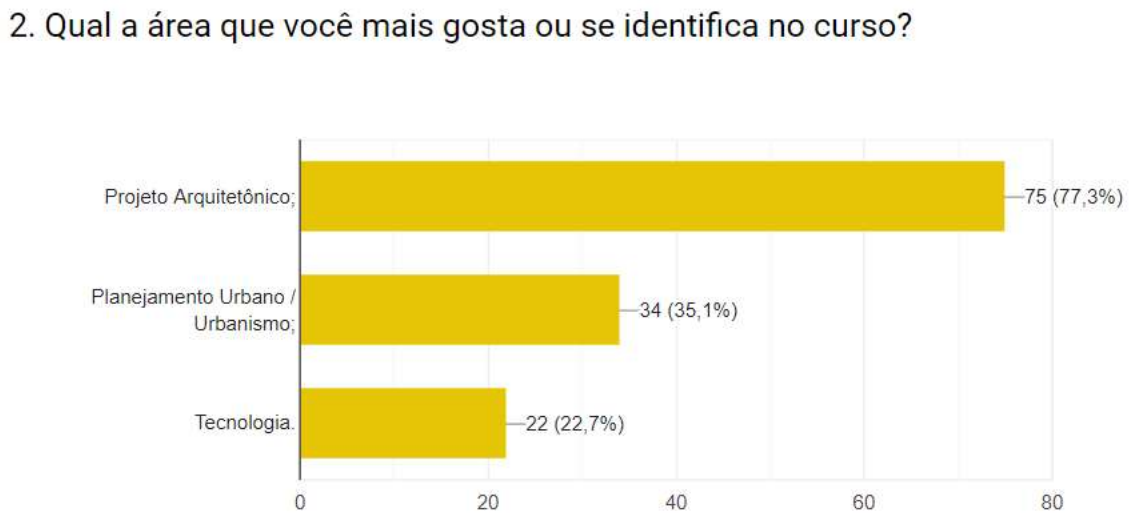
Quando questionados sobre o porquê da escolha pelo curso de arquitetura e urbanismo, 40% dos alunos responderam: “Pela importância de sua colaboração com a sociedade”, enquanto que 70% responderam: “Pelo gosto do desenho, da arte, da criatividade e da estética”. Esses índices estão apresentados no Gráfico 1, e demonstram a grande afinidade da maioria dos alunos pela arte e afins.

Gráfico 1: Motivo de escolha pelo curso de arquitetura e urbanismo



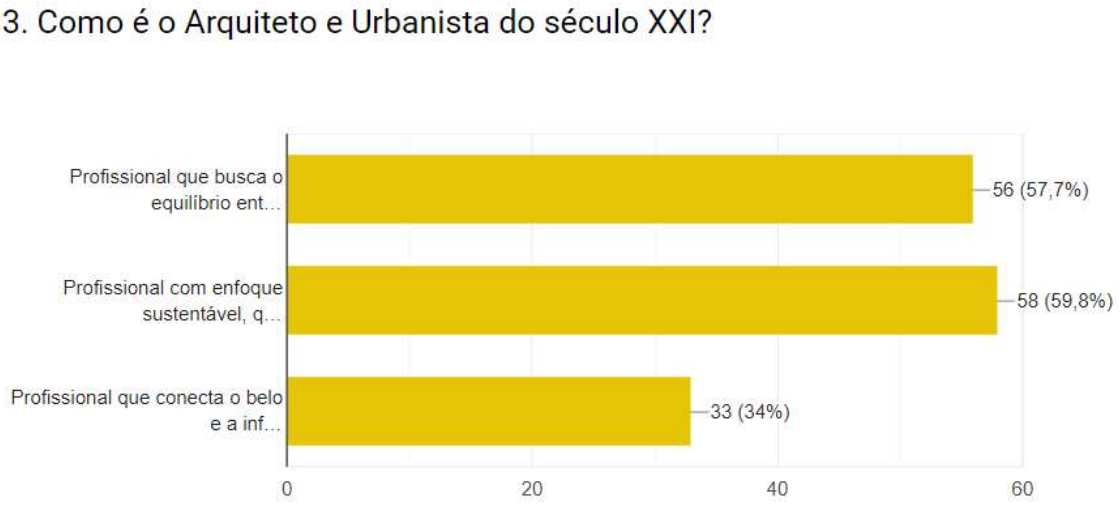
Da mesma forma buscou-se saber qual a área de maior aptidão entre os alunos e aulmni. Entende-se que a área de Projeto Arquitetônico é a que a maioria dos alunos mais se identificam, conforme Gráfico 2.

Gráfico 2: Área de maior aptidão do Curso de arquitetura e urbanismo



É importante observar os dados do Gráfico 3 sobre o que os alunos pensam sobre o arquiteto e urbanista do século XXI. Dessa forma, percebem-se situações muito próximas como “Profissional que busca o equilíbrio entre o mundo e o ser humano” e ainda “Profissional com enfoque sustentável, que se preocupa com o meio ambiente”, enquanto que em menor escala, a opção “Profissional que conecta o belo e a informação tecnológica”.

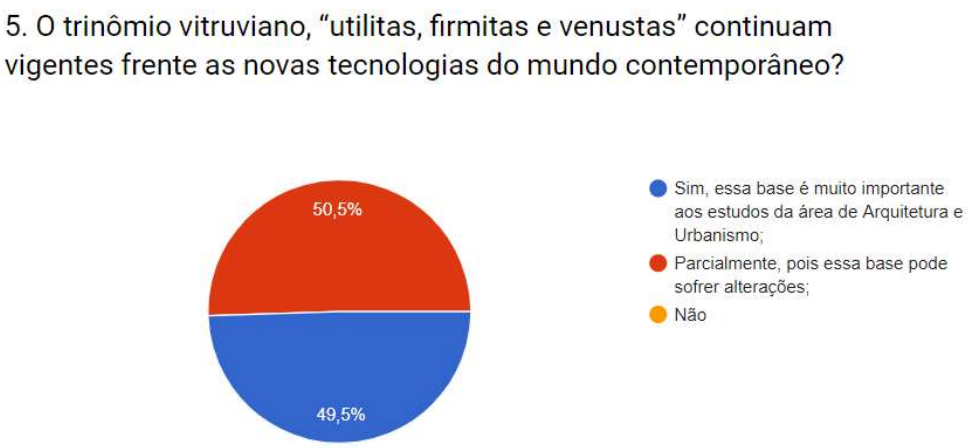
Gráfico 3: Contribuição do Arquiteto e Urbanista



Comparando as respostas dos alunos ingressantes com as dos veteranos e alumni, percebe-se que entre os novos alunos, existe um montante onde ainda não conhecem o significado de CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo). Enquanto que no grupo dos veteranos, de 100% dos entrevistados constatou-se uma média de 1% o desconhecimento do termo.

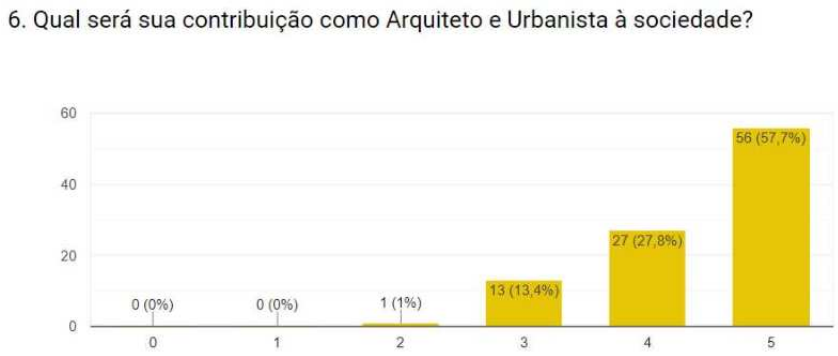
Foi interessante recapitular a teoria de Vitruvius, onde opiniões contraditórias mantiveram quase que com o mesmo peso, de acordo com a Figura 5. É importante ressaltar que são visões de alunos de diferentes semestres.

Figura 5: Trinômio Vitruviano



E por fim, surge a pergunta: “Qual será sua contribuição como arquiteto e urbanista à sociedade”, conforme Gráfico 4.

Gráfico 3: Contribuição do Arquiteto e Urbanista



Surpreendentemente mais de 50% pensam em contribuir como arquitetos e urbanistas em benefício da população em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias da informação desencadearam mudanças profundas na sociedade, sobretudo no ensino de Arquitetura e Urbanismo. Além do fator

educacional, aspectos sociais, ambientais e culturais, de acesso as tecnologias e de infraestrutura tecnológica podem explicar processos de mudança em cursos de graduação e pós-graduação. Na busca pelo ensino de qualidade, é importante que todos tenham acesso a tecnologia do ambiente escolar.

Os alunos transferem um papel importante ao longo do curso, o que expressa seus interesses em busca de um mundo com maiores contribuições dos arquitetos e urbanistas. Toda prática deve ser embasada pela teoria, de maneira que durante os ensinamentos passados aos alunos, o próprio docente transfere um pouco de sua experiência profissional e acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Aos alunos e *alumnis* do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário de Jaguariúna, que prontamente responderam ao questionário.

À aluna do quinto semestre do curso de arquitetura e urbanismo, Sabrina Menezes Rodrigues, que com muita destreza organizou o questionário via *GoogleForms* e ainda colaborou na formatação de maneira especial, sempre pronta às solicitações de ajuda.

À *alumni* Karen Leal do Nascimento, participante do CONIC, que ao receber o convite para expressar um pouco de sua experiência, demonstrou interesse e boa vontade. É importante ressaltar que depoimentos colaboram para expressar a realidade que cabe aquele que busca crescer com seriedade profissional.

À Prof Me. Arq. Urb. Andrea Arruda Vilella, Conselheira Federal Representante das Instituições de Ensino Superior no CAU/BR, que prontamente disponibilizou seu material apresentado durante o Fórum de Coordenadores no evento oferecido pelo CAU/SP, no Seminário Internacional Qualidade de Ensino e Mobilidade Profissional, na última semana de maio de 2019, em São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 16 fev. 2017. Disponível em: *http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm*. Acesso em: 05 mai.2019.

COSTA, L. **Considerações sobre arte contemporânea (1940). In: Lúcio Costa, Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. 608p.il. Disponível em: *http://www.iabsp.org.br/oqueearquitetura.asp*. Acesso em: 02/03/2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 54 p.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed. São Paulo: EdUSP, 2012 91 p.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo, EDUSP, 1999 224 p.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL QUALIDADE DE ENSINO E MOBILIDADE PROFISSIONAL – **Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo** – CAU/SP, 27, 28 e 29 de maio de 2019. Auditório da Belas Artes, Campus 3, São Paulo – SP, 2019.

VIGOTSKS, L. S. **A formação social da mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 182 p.

VITRUVIUS. **The ten books on architecture**. New York, Dover: 1960.

ZEVI, B. **Saber ver a Arquitetura**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 286 p.